

Um informe enviado do campo de batalha: *Em Aberto*

Marisa Vorraber Costa

Resumo

O artigo é uma breve nota sobre o espaço de produção do periódico *Em Aberto*, abordado metaforicamente como um campo de batalha em que, ao longo de 30 anos, estão em jogo concepções e questões da educação, expressivas da conjunção de forças e das visões de mundo e de educação implicadas em sua elaboração. A partir de duas consultas, discutem-se, especialmente, as movimentações em relação à Revista da parcela das forças em luta formada pelos leitores/professores de instituições que recebem gratuitamente o periódico. Considera-se que um olhar sobre o que se vislumbra hoje nesse “campo de batalha” seja bom para pensar sobre as reverberações do que se fez, analisou, refletiu e propôs nas páginas da *Em Aberto*, como também para rever opções, repensar políticas, antever possibilidades e inventar novas e, quem sabe, mais adequadas alternativas para a Revista.

Palavras-chave: *Em Aberto*; avaliação de revistas; revistas pedagógicas; revistas de educação; perspectivas editoriais; política editorial.

Abstract

News from the battlefield: Em Aberto

This article is a short text on the space of production created by the journal Em Aberto metaphorically treated as a battlefield in which, over a period of thirty years, conceptions and issues in education were at stake as expressed by the conjunction of forces, world and educational views which have shaped the journal. Based on two interviews we discuss in particular how divergent movements were formed by readers/teachers from institutions receiving the journal. We consider that what we see today in this 'battle field' is useful for thinking about what has been done, analysed, reflected and proposed in the pages of Em Aberto, as well as reviewing options, rethinking policies, foreseeing possibilities and creating perhaps more adequate alternatives for the journal.

Keywords: Journal Em Aberto; evaluation of journals; pedagogical journals; education journals; editorial perspectives and policies.

O título escolhido para este texto inspira-se no primeiro parágrafo de um livro recente de Zygmunt Bauman (2010), no qual o sociólogo emprega a metáfora “um informe enviado do campo de batalha” para referir-se ao espaço de luta pela aquisição de formas novas e mais adequadas de pensar o mundo em que vivemos e as vidas que nele vivemos. Segundo Bauman, os esforços que envidamos para entender nosso mundo, algo simultaneamente tão familiar quanto eivado de surpresas e instabilidades, apresentam-se de fato como uma arena de lutas. Pois bem, é nesse mesmo sentido que a metáfora se aplica aos objetivos deste texto, integrante de um fascículo alusivo aos 30 anos da revista *Em Aberto*.

Ele pretende ser uma breve nota com informes sobre uma parcela de participantes dos embates que se travam nos meandros de uma publicação. Ao longo desses 30 anos, circularam e continuam a circular por suas páginas concepções e questões da educação, expressivas de conjunções de forças que envolvem interesses diversos, visões de mundo e de educação, percepções e posições políticas, assim como propostas, projetos, tendências etc. Movimentam-se nesse campo de batalha protagonistas de vários tipos e instâncias – editores, autores, avaliadores, revisores textuais e gráficos, leitores e comentaristas, assim como gestores que administram verbas e prazos articulados às forças em conjunção que mencionei. Lançar um olhar para o que se vislumbra hoje nesse “campo de batalha” me parece bom para pensar sobre as reverberações do que se fez, analisou, refletiu e propôs nas páginas da *Em Aberto*, como também para rever opções, repensar políticas, antever possibilidades e inventar novas e, quem sabe, mais adequadas alternativas para a Revista, sem esperar, como afirma Bauman, que se possa chegar a uma vitória final e definitiva, já que a vida se move constantemente e rápido demais para isso, mas aspirando a que se consiga aprimorar nossas ferramentas

cognitivas e reflexivas com vistas ao aperfeiçoamento de nossa capacidade para o exercício permanente da bricolagem.

É importante sublinhar que este “informe” diz respeito a apenas uma parte das forças em luta nesse campo de batalha – os professores, professoras e estudantes das universidades, presumíveis¹ leitores e leitoras da Revista. Um contingente cuja relação com o periódico se procura aqui articular aos embates que o caracterizaram em sua trajetória dedicada à disseminação do conhecimento científico. O artigo de Orlando Pilati, integrante deste número comemorativo, traça um oportuno panorama desses 30 anos em que o *Em Aberto* pretendeu ser um veículo atuante para que o conhecimento produzido em pesquisa revertesse em benefícios aos executores das ações e políticas educacionais do País.

Subsidiada por duas consultas sobre os usos da revista *Em Aberto*, neste artigo trago um registro sobre o que pensam e como agem seus depoentes. A primeira delas, realizada em março de 2009, colheu manifestações de integrantes de uma lista de conversação do Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade (Neccso), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que inclui docentes universitários, estudantes e pesquisadores predominantemente do Rio Grande do Sul, mas de alguns outros Estados também. Esta primeira consulta foi realizada na ocasião em que passei a integrar o Comitê Editorial da Revista e focalizou apenas dois pontos: se os docentes integrantes da lista conheciam e usavam o periódico em suas atividades de pesquisa e docência. A segunda consulta ocorreu em agosto de 2011, mediante o envio de mensagem eletrônica solicitando respostas sucintas a cinco questões constantes da própria mensagem:

- 1) Você conhece a revista *Em Aberto*? (Basta responder Sim ou Não).
- 2) Você utiliza ou já utilizou a revista *Em Aberto* em seu trabalho como docente?
- 3) Se sua resposta for positiva, diga a finalidade do uso que fez ou faz (ex.: para preparar aulas; como fonte de pesquisa para trabalhos de alunos em sala de aula; indicação de artigos para leitura adicional; como inspiração para pesquisas).
- 4) No caso de utilizar o *Em Aberto*, você prefere a versão impressa ou *online*?
- 5) Qual sua opinião sobre o *Em Aberto*?

Foram remetidas mensagens a 104 docentes de instituições das cinco regiões do País cujas bibliotecas recebem a Revista gratuitamente: 77 universidades (66 públicas e 11 privadas) e 27 centros universitários. As instituições em tal condição foram identificadas em uma lista fornecida pela secretaria do *Em Aberto*, e os endereços eletrônicos de professores e pesquisadores de cursos vinculados à área da educação foram obtidos nos sítios das instituições. Aquelas que não possuíam sítios,

¹ Considerei adequada esta palavra porque as pessoas contactadas para a consulta supostamente teriam acesso facilitado à Revista, já que trabalham em instituições cujas bibliotecas a recebem gratuitamente. Contudo, constatei que raramente são seus leitores ou a conhecem.

ou que, apesar de tê-lo, não faziam lá constar nomes de docentes, foram substituídas por outras, preferencialmente da mesma região e na mesma condição – receber gratuitamente o periódico. Contudo, devido ao prazo restrito para a consulta e às dificuldades em localizar endereços eletrônicos, não houve preocupação com uma distribuição equitativa da consulta pelas regiões brasileiras.

No que se refere a esta consulta mais recente, o levantamento quantitativo das respostas demonstrou pouco interesse dos professores de universidades públicas ou privadas ou de centros universitários em atender à solicitação. No total, das 104 consultas enviadas apenas 19 foram respondidas: Região Sul, enviadas para 27 professores, responderam cinco; Região Sudeste, enviadas para 13, responderam cinco; Região Centro-Oeste, enviadas para 11, respondeu um; Região Nordeste, enviadas para 16, responderam seis; Região Norte, enviadas para 10, respondeu um. Quanto aos centros universitários, a repercussão em termos de atendimento à consulta foi menor ainda. Das 27 mensagens enviadas, apenas um professor – de centro universitário da Região Norte – respondeu.

Com o objetivo de compartilhar e discutir as manifestações de professores a respeito do *Em Aberto*, organizo este “informe” apresentando respostas obtidas nas duas consultas, para depois comentá-las. Início com respostas colhidas na consulta de 2009, que foram consideradas apenas em termos qualitativos, ou seja, quanto ao teor das manifestações. A pergunta desencadeadora, conforme já mencionei, indagava sobre o conhecimento e o uso do periódico.

56

Sobre o *Em Aberto*, é claro que conheço a revista. Até já ajudei a organizar um fascículo sobre língua materna. Mas ultimamente anda muito apagada e quase nem ouço citá-la (e ela era muito citada). Não sei o que aconteceu... Para dizer a verdade, em sala de aula nunca usei; lembro de indicar alguns números monográficos para orientandos – mas acho que eram da década de 1990, como o dossiê sobre livro didático. Ah... e aquele formato de capa com as folhas caindo (já deve ter mudado – eu é que lembro dele assim...), era bem pouco prático, um horror.

Eu conheci o *Em Aberto* no Mestrado. Mas não tenho tido muito contato mais. Usei para minhas aulas de Psicologia da Educação. Não sei quem usa, na minha Faculdade/Universidade não tenho conhecimento.

Conheci o periódico somente após comentarem sobre ele em uma reunião de orientação. Procurei o periódico naquela situação e mais umas duas vezes posteriormente. Acho que eu acompanho mais as revistas que estão no SciELO. Essas eu costumo procurar muitas vezes. Não recorro de ter lido qualquer artigo do *Em Aberto* durante a graduação ou pós. Quando trabalhei na EaD, as alunas também não estudaram nenhum artigo nas interdisciplinas que acompanhei.

Conheço e uso, mas apenas para leituras em sala de aula do curso de Geografia.

Conheço o periódico, mas não é usado nas disciplinas da área da didática e da pesquisa na pedagogia. É difícil de se conseguir exemplares (não vendem) – nem mesmo solicitando, pois já tentei várias vezes. O que é comum fazerem é distribuir em eventos – quando conseguem montar um estande especial do Inep – já vi em Anpedinhas. Daí, distribuem gratuitamente, aos quilos.

Conheço o periódico, sim, e até utilizei recentemente um artigo dele em um texto que escrevi. O Grupo do GT de Educação Ambiental da Anped está organizando um número que deve sair brevemente. Embora eu não tenha sido convidado a participar com um texto, acompanhei algumas discussões pela lista do GT.

Sei da existência desse periódico, tenho um número dele na minha estante de livros, mas nunca utilizei como fonte de leitura ou estudos, nem quando fui aluna de Pedagogia na FURG, nem como professora do curso de Pedagogia da Ulbra.

Não tenho conhecimento sobre seu uso. Acredito que talvez seja utilizado por algumas colegas que trabalham com políticas educacionais.

Conheço dois números desse periódico, da metade dos anos 1990, um sobre Educação Especial e outro sobre Imaginário Social. Mas depois desse período e desses volumes, não tenho mais visto nem utilizado.

Sobre o periódico *Em Aberto*, não conheço, apesar de acessar o *site* do MEC frequentemente. Não obtive informações sobre ele durante a graduação em Pedagogia que recém finalizei, aqui na UFRGS, pelo menos nas disciplinas que cursei. Fiquei curiosa e dei uma olhada no *site* do periódico e observei o quão desatualizado ele está. A última edição veiculada é de julho de 2007.²

Sobre a revista *Em aberto*, realmente ainda não conhecia. Conheci após esse *e-mail* da lista. Achei-a interessante. Percebi que há vários artigos de autores, inclusive da UFRGS (Maria Beatriz Luce, Ivany Ávila, dentre outros). Segundo o *site*, a revista existe desde 1981! Nossa! Porque será que não está sendo divulgada? Bem, percebe-se que nos últimos anos há uma enorme quantidade de revistas *online* com artigos científicos, teses e dissertações nos *sites* oficiais (MEC), contudo, quando comento com algumas colegas que acesso seguidamente, a maioria não conhece, nunca viu.

Aqui, na UFRN, o *Em Aberto* é conhecido e utilizado. O Grupo de Estudos e Pesquisas em Estratégias e Políticas de Gestão (UFRN) publicou um número especial sobre Gestão em Educação no ano de 2000.

Não vejo o periódico ser utilizado nos fóruns que frequento.

Prosseguindo, apresento agora dados da consulta de agosto de 2011, organizados de acordo com as perguntas formuladas.

1) *Você conhece a revista Em Aberto? (Basta responder Sim ou Não)*

Do total de dezenove respostas obtidas (em 104 consultas), dez³ professores declararam conhecer a revista, oito professores não a conhecem e um não respondeu.

2) *Você utiliza ou já utilizou o Em Aberto em seu trabalho como docente?*

Em resposta a esta pergunta, apenas nove afirmaram que já a utilizam ou utilizaram e dez responderam negativamente.

3) *Se sua resposta for positiva, diga a finalidade do uso que fez ou faz (ex.: para preparar aulas; como fonte de pesquisa para trabalhos de alunos em sala de aula; indicação de artigos para leitura adicional; como inspiração para pesquisas)*

Nesta questão, os professores mantiveram suas respostas dentro das alternativas ofertadas na pergunta, ou seja, declararam que, basicamente, usam a revista para preparar aulas; como fonte de pesquisa para trabalhos de alunos em sala de aula; indicação de artigos para leitura adicional; como inspiração para pesquisas.

4) *No caso de utilizar o Em Aberto, você prefere a versão impressa ou online?*

Dos nove que utilizam ou utilizaram, um utiliza os dois modos e um apenas a versão impressa. Oito declararam preferir a versão *online*.

² A revista *Em Aberto* teve sua publicação suspensa nos seguintes períodos: de julho de 1996 a dezembro de 1999, de janeiro de 2004 a dezembro de 2006, e de janeiro a dezembro de 2008.

³ Dos dez que conhecem, três são de instituições privadas (um do Sul, um do Centro-Oeste, um do Sudeste), sete são de instituições públicas (dois do Sul, dois do Sudeste, dois do Nordeste, um de um centro universitário do Norte).

5) Qual sua opinião sobre o Em Aberto?

As respostas a esta pergunta foram variadas. Houve a afirmação de que gostam da revista porque ela oferece linguagem acessível à graduação e porque é composta por edições temáticas. Houve destaque para o fato de ser bem organizada e com artigos variados sobre o mesmo tema. Uma professora ainda citou que já usou muito a revista, mas que, atualmente, ela não publica dossiês com temáticas de seu interesse; isso faz com que ela não mais a procure, já que os temas não vêm ao encontro de suas pesquisas. A maioria dos consultados considera que há pouca divulgação da Revista, que ela é pouco conhecida e isso a desqualifica. Outro ponto negativo citado é que o *Qualis* do periódico não é muito positivo, o que faz com que seja pouco valorizado no meio acadêmico, seja para publicar nele, seja para leituras na pós-graduação. Dois professores declararam ter sabido da existência do *Em Aberto* ao serem convidados a participar de um dossiê, ocasião em que tomaram conhecimento de sua qualidade e pertinência para a área da educação.



Pode-se depreender das manifestações colhidas em ambas as consultas que o periódico é atualmente pouco conhecido do professorado universitário brasileiro, sendo relativa sua contribuição para a área. Isso nos remete imediatamente a focos de problematização que podem ser organizados em duas categorias: questões editoriais, relacionadas à própria concepção do periódico, seus objetivos, formato e endereçamento; e questões logísticas, que dizem respeito especialmente à divulgação e distribuição.

Começamos então pela linha editorial. Criado em 1981, o periódico declara sua opção por ser monotemático, com a finalidade de “estimular e promover a discussão de questões atuais e relevantes da educação brasileira, trazendo opiniões divergentes ou confrontos de pontos de vista”.⁴ Orlando Pilati destaca que ele foi criado para ser uma ponte entre o Inep, um instituto de pesquisa do Estado, e a comunidade acadêmica. Inspirado nos “ares democráticos” que voltavam a soprar no País no contexto pós-ditadura militar, o *Em Aberto* surge para ser um espaço livre de autoritarismo e dogmatismo. Tais objetivos são indiscutivelmente relevantes até hoje, uma vez que ainda são incipientes, pelo menos em periódicos acadêmicos da área da educação em nosso País, iniciativas que incentivem espaços editoriais que possam evidenciar e gerar controvérsias. Sob este ponto de vista, a Revista atende a uma demanda desejável no espaço acadêmico que é a de prover múltiplos olhares às temáticas sobre as quais se debruça.

No que se refere à discussão de questões atuais e relevantes da educação brasileira, os 84 números publicados são indicativos do compromisso da *Em Aberto* com sua proposta editorial. Nestes 30 anos de existência, suas edições contemplaram temáticas variadas, dentre as quais destaco: Ciclo básico (n. 2, 1982), Educação não-formal (n. 18, 1983), Educação indígena (n. 21, 1984), Educação comparada (n.

⁴ Fonte: sítio Em Aberto [online]. <<http://www.emaberto.inep.gov.br>>.

24, 1984), Educação e Constituinte (n. 30, 1986), Professor leigo (n. 32, 1986), A educação na nova Constituição: qualidade e democratização (n. 44, 1989); Educação ambiental (n. 49, 1991), Educação especial (n. 13, 1993), A educação no mundo pós-guerra fria (n. 64, 1994), Merenda escolar (n. 67, 1995), Mercosul (n. 68, 1995), Livro didático e qualidade de ensino (n. 69, 1996).

Em edições dos últimos dez anos, entre outros temas, os fascículos versaram sobre: Educação de jovens e adultos (n. 82, 2009), Psicologia escolar (n. 83, 2010), Educação a distância e formação de professores (n. 84, 2010).

A pluralidade temática verificada expressa a atenção da Revista à linha editorial assumida em sua criação, buscando constantemente contemplar assuntos que estejam em pauta no cenário educacional brasileiro de distintos períodos e que sejam do interesse de professores universitários assim como de acadêmicos das cinco regiões do País, público ao qual a Revista se declara endereçada.

Contudo, uma das características da revista *Em Aberto* que se pode considerar problemática é a periodicidade irregular, conforme se pode constatar na Tabela 1.

Tabela 1
Periodicidade do *Em Aberto* nos seus 30 anos – 1981-2011

Ano	Nº do fascículo	Total no ano	Ano	Nº do fascículo	Total no ano
1981	1	1	1997	Não houve publicação	-
1982	2 ao 11	10	1998	Não houve publicação	-
1983	12 ao 18	07	1999	Não houve publicação	-
1984	19 ao 24	06	2000	71 e 72	02
1985	25 ao 28	04	2001	73 e 74	02
1986	29 ao 32	04	2002	75	01
1987	33 ao 36	04	2003	76	01
1988	37 ao 40	04	2004	Não houve publicação	-
1989	41 ao 44	04	2005	Não houve publicação	-
1990	45 ao 48	04	2006	Não houve publicação	-
1991	49 ao 52	04	2007	77 e 78	02
1992	53 ao 56	04	2008	Não houve publicação	-
1993	57 ao 60	04	2009	79 a 82	04
1994	61 ao 64	04	2010	83 e 84	02
1995	65 a 68	04	2011	Não houve publicação	-
1996	69 e 70	02			

Fonte: Dados obtidos na contracapa do último número do *Em Aberto*.

Observa-se que a irregularidade se evidencia tanto no que se refere à variação no número de fascículos publicados anualmente (em alguns anos são dez,⁵ noutros dois, em outros quatro, seis ou sete) como pela ausência de publicação em períodos longos, que chegam a abranger três anos. Verifica-se também que há uma rarefação da publicação. Nos primeiros dez anos (1981 a 1990) foram publicados 48 números. Na década seguinte (1991 a 2000) houve um decréscimo de 50%, sendo editados 24 fascículos. Finalmente, nos últimos dez anos (2001 a 2010), outra vez há um corte pela metade nas edições, que somam apenas 12. Diante disso, formulo alguns questionamentos sobre as causas dessa rarefação. Perde importância no contexto das políticas educacionais um periódico com as especificidades do *Em Aberto*? Uma diminuição da receita financeira destinada à sua publicação poderia ser arrolada entre as possíveis causas desse arrefecimento da publicação? Ou, ainda, dois periódicos publicados por um mesmo órgão com verbas do Ministério da Educação (*Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* e *Em Aberto*) seriam demasiados? Obviamente, essas são perguntas para suscitar análise e subsidiar a reflexão.

Retornando às respostas obtidas na segunda consulta a que se refere este texto, observa-se que a irregularidade da publicação pode ser um dos fatores que justificam o fato de os professores/pesquisadores contatados afirmarem que acabam esquecendo da Revista ou não a utilizando como suporte didático. Por outro lado, este também é um dos elementos implicados em sua classificação como B2 no *Qualis* de periódicos da Capes.

60 Ao abordar o tema da avaliação de periódicos da Capes, chegamos a um dos pontos-chave a serem considerados em um “informe” sobre o campo de batalha de uma publicação. Há muito para se refletir em um tempo em que revistas acadêmicas estão posicionadas em um *ranking* no qual a qualidade científica se expressa em pontuações. É previsível que periódicos em cujas páginas as idéias “valem menos pontos” sejam prejudicados. Por um lado, autores com produção reconhecida na área encaminham seus trabalhos preferencialmente para periódicos com pontuação maior. Com isso, fortalecem não apenas seu prestígio acadêmico como o das instituições às quais estão vinculados. Por outro lado, e em conseqüência, os leitores também procuram subsídios para seus estudos nas publicações onde estão os artigos dos estudiosos mais conceituados. Em decorrência, as publicações com menor pontuação no *Qualis* têm menos prestígio e correm o risco de restringir gradativamente seu contingente de leitores.

Neste ponto, é oportuno formular um questionamento que considero importante tanto para a área da educação como para os periódicos nessa condição. Qual o sentido de envidar esforços editoriais e despender recursos financeiros na produção, tiragem e circulação de um periódico com distribuição gratuita de aproximadamente 3.000 exemplares, e acesso *online*, se há pouco interesse em lê-lo? Se o público-alvo não é receptivo aos textos que ele divulga? Eis uma questão que fica aberta para se pensar, uma vez que ela interessa não apenas ao *Em Aberto*, mas a todas as publicações submetidas a essa modalidade de avaliação.

⁵ A pretensão inicial era de que fosse um “boletim” mensal. (N. do E.).

No que se refere a questões logísticas, podemos observar, inicialmente, que o periódico é amplamente distribuído em todo o País pelo Inep. Observando a já referida lista disponibilizada pela secretaria do *Em Aberto*, constatou-se que cerca de 3.000 instituições, entre elas universidades, centros universitários e institutos federais recebem gratuitamente exemplares da Revista e, como já exposto, esta distribuição ocorre nas cinco regiões do País.

Além da versão impressa – que evoluiu do formato páginas soltas dentro de uma capa-envelope para o formato brochura –, a sua versão *online* é disponibilizada em seu sítio, onde se encontram digitalizadas as 84 edições já publicadas. Contudo, conforme declararam os professores consultados eletronicamente, muitos não tinham conhecimento desse modo de acesso. Outro aspecto observado em visita ao sítio eletrônico da Revista é que ela não informa a seus leitores/colaboradores a temática das próximas edições. Isso, de certa forma, tende a dispersar leitores que possam ter se aproximado do periódico por interesse em algum tema já publicado.

Ou seja, analisando o campo de batalha da revista *Em Aberto*, percebe-se que ela, por ser uma publicação com respaldo de um conceituado instituto de pesquisa como o Inep, com suporte financeiro para distribuição gratuita de abrangência nacional, dispõe de condições privilegiadas para tornar-se um periódico de referência no campo da educação. Tanto professores como alunos de cursos de graduação e pós-graduação beneficiar-se-iam com um periódico de fácil acesso e com qualidade científica. Por que, então, esta Revista vem despertando pouco interesse da comunidade acadêmica de leitores?

A partir do breve panorama aqui exposto, contendo dados do campo de batalha da revista *Em Aberto*, algumas alternativas podem ser vislumbradas em articulação com algumas suposições.

Começamos por supor que a publicação irregular da Revista seja a principal causa de seu posicionamento pouco destacado no *ranking* de periódicos da Capes. Em grande parte devido a essa condição, ela atrai poucos autores de competência e prestígio reconhecidos; por outro lado, a leitura dos trabalhos que publica parece despertar pouco interesse na comunidade a que se dirige – professores universitários e acadêmicos das cinco regiões do País. Refletindo nessa direção, uma alternativa poderia ser repensar o endereçamento e, quem sabe, direcionar a Revista para o público formado por professores do ensino fundamental e médio, segmento numeroso e, num país continental como o nosso, carente de publicações especializadas de boa qualidade, essas raramente disponíveis nas bibliotecas de escolas e demais órgãos dos sistemas de ensino correspondentes a esses níveis.

Outra alternativa para o endereçamento seria concentrar sua distribuição em centros universitários e nos recém-criados institutos federais. Se o periódico tem se mostrado pouco atrativo para o público acadêmico da graduação e da pós-graduação – já suprido por periódicos nacionais e internacionais amplamente reconhecidos e acessíveis também em destacadas redes científicas de informação *online* –, poderia, por outro lado, ser bastante significativo para o corpo docente e discente de instituições em que os objetivos científicos estão matizados por saberes práticos, igualmente úteis e necessários a um sempre crescente contingente de profissionais.

Em ambos os casos, a meu ver, várias providências seriam indispensáveis. Em primeiro lugar, seria preciso analisar a atual proposta editorial e verificar em que medida ela poderia ser adaptada ao novo público-alvo ou demandaria um novo projeto editorial e gráfico. Seria preciso, igualmente, um reequacionamento da distribuição gratuita, uma vez que poderia haver necessidade de ampliação da tiragem. Um novo formato em termos de dimensões, *design* gráfico e número de páginas também poderia ser conveniente ao novo projeto.

Finalmente, se consideradas exageradamente radicais as alternativas recém-cogitadas, cujo eixo seria um deslocamento no público-alvo do periódico, não se pode descartar a manutenção do atual modelo editorial, uma vez que, conforme já aqui registrado, trata-se de um projeto cuja concepção é ainda de qualidade indiscutível, atual e desejável. Contudo, para isso, ante o desinteresse constatado nas duas consultas realizadas – mas não apenas nelas, pois há indícios oriundos de outras fontes acerca do que aqui foi comentado –, seria imperativo uma avaliação minuciosa das atuais condições técnicas, políticas e financeiras para a realização do periódico. Todos concordaremos, certamente, que é inaceitável produzir-se 3.000 exemplares de um periódico destinados à inocuidade. E isso é particularmente delicado, quando diz respeito a um periódico como o *Em Aberto*, com trajetória tão significativa, relatada no artigo já mencionado de Pilati.

Se mantidos o atual formato e endereçamento, uma medida imediata deveria ser, a meu ver, a superação da periodicidade irregular mediante uma imediata redefinição e fixação de periodicidade. Em seguida, para assegurá-la, seria necessário rever o processo de seleção/indicação de temáticas e também o de proposição de dossiês. Uma alternativa que poderia ser viável é a que vem sendo adotada por vários periódicos da área da educação, que abrem candidatura para dossiês sobre temas previamente selecionados pelo comitê editorial ou aceitam candidaturas de propostas de dossiê com temas oriundos da demanda espontânea. Esta última modalidade tem sido adotada no *Em Aberto*, mas boa parte das propostas não tem correspondido ao patamar qualitativo esperado. Por outro lado, valeria apurar a aceitação dos recentes números “encomendados”, cuja produção tem sido mais garantida.

Convém sublinhar, contudo, que qualquer uma dessas ou de outras alternativas que possam ser pensadas, exigiriam, para sua implementação, uma bem planejada campanha de divulgação da nova fase da Revista. Embora possam requerer alento e esforço de trabalho por parte da equipe editorial e técnica da Revista e serem onerosas aos cofres do Inep, provavelmente a curto prazo essas alternativas pudessem converter-se em investimento com retornos educacionais importantes.

De qualquer forma, considerando ou não as possibilidades aqui mencionadas, penso que a Revista deve preparar-se para enfrentar as batalhas impostas pelas novas demandas da sociedade contemporânea. Uma divulgação mais eficaz, tanto da versão impressa quanto da *online*, uma organização mais ágil, seja em relação à periodicidade da publicação, seja em relação à divulgação prévia das temáticas das edições em preparação, certamente aumentariam a visibilidade e contribuiriam de maneira mais efetiva para o aprimoramento da educação brasileira.

E aqui retomo Bauman para reafirmar o que mencionei no início deste texto: que neste campo de batalha não se deve aspirar a uma vitória final e definitiva, já que a vida se move constantemente e rápido demais para isso, mas pode-se buscar o aprimoramento de nossas ferramentas cognitivas e reflexivas com vistas ao aperfeiçoamento de nossa capacidade para o exercício permanente da bricolagem.

Referência bibliográfica

BAUMAN, Zygmunt. *Mundo consumo: ética del individuo en la aldea global*. Trad. Albino Santos Mosquera. Barcelona: Paidós Contextos, 2010.

Marisa Vorraber Costa é professora da Universidade Luterana do Brasil e docente convidada do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

mcvorraber@terra.com.br